

## O ADJETIVO E A CONSTRUÇÃO DO SINTAGMA NOMINAL: ALGUNS PROBLEMAS<sup>1</sup>

José Borges Neto  
Universidade Federal do Paraná

### RESUMO

Neste trabalho apontamos alguns problemas envolvidos na determinação das regras que estabelecem a colocação dos adjetivos nos Sintagmas Nominais. Chegamos à conclusão que a solução de tais problemas não vai ser encontrada em um único componente da gramática, mas dependerá de informações sintáticas, semânticas e pragmáticas.

“A Realidade  
Sempre é mais ou menos  
Do que nós queremos”.  
*Ricardo Reis*

Vários adjetivos podem acompanhar um nome num SN e isto pode ocorrer, entre outras, das seguintes formas:

- (1) a. Adj N Adj “pobre menina rica”
- b. Adj Adj N “novos falsos picassos”
- c. N Adj Adj “comunidade científica brasileira”

Ao nos voltarmos para estas possibilidades de construir SNs, vemo-nos diante de algumas questões já clássicas na literatura lingüística. Questões que podem ser colocadas pelas seguintes perguntas:

(A) Dados dois adjetivos não-coordenados, antecedendo ou seguindo o N, o fato de um deles estar mais próximo do

<sup>1</sup> Este trabalho aborda questões que já foram parcialmente tratadas por nós em *Adjetivos: predicados extensionais e predicados intensionais*. Campinas, 1979. Dissertação, Mestrado, Universidade Estadual de Campinas. E em *O adjetivo: um problema sintático; resenha crítica*. *Estudos Brasileiros*, 5(9):27-36, 1980. Foi apresentado como comunicação no XXVI Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo (GEL), Piracicaba, UNIMEP, 1983.

N do que o outro é significativo? Em caso afirmativo, qual o efeito semântico da inversão da ordem?

(B) O fato de um adjetivo estar seguindo e não antecedendo o N (ou vice-versa) é significativo? Em caso afirmativo, qual o significado introduzido pela posição do adjetivo?

Embora clássicas, essas questões, a meu ver, não recebem respostas satisfatórias na literatura lingüística. Pensemos rapidamente em cada uma delas.

1. Em princípio, digamos que um nome pode tomar adjetivos à esquerda e à direita. Admitamos a seguinte convenção:

$$(2) \underset{n}{A} \dots \underset{2}{A} \underset{1}{A} \underset{1}{N} \underset{1}{A} \underset{2}{A} \dots \underset{n}{A}$$

onde N é nome, núcleo do SN, A é adjetivo e os índices subscritos aos As indicam a proximidade relativa ao N — quanto mais estiver afastado o A, maior será o seu índice.

A questão agora é descobrir se um SN com dois adjetivos à esquerda ou à direita do N apresenta alguma variação de significado caso invertamos a posição dos adjetivos. Em outras palavras, dado um N seguido de dois As, digamos X e Y, o significado do SN em que X está mais próximo de N (é o A<sub>1</sub>) é exatamente o mesmo significado que obtemos colocando o Y mais próximo do N?

Lemle<sup>2</sup> propõe que o SN é construído por um processo recursivo que seria mais ou menos o seguinte: numa seqüência N A<sub>1</sub> A<sub>2</sub>, o A<sub>1</sub> predicaria o N, formando com este uma expressão complexa (N A<sub>1</sub>) que seria, então, predicada por A<sub>2</sub>. A generalização desse processo recursivo de construção poderia ser representada como (3).

$$(3) (\dots ( \underset{1}{N} \underset{2}{A} ) \underset{n}{A} ) \dots \underset{n}{A}$$

Para os casos de SNs que apresentam adjetivos à esquerda do N ou adjetivos em ambos os lados, o processo seria o mesmo.

$$(4) a. (\underset{n}{A} \dots (\underset{2}{A} (\underset{1}{A} \underset{1}{N})) \dots)$$

$$b. ((\underset{1}{A} \underset{1}{N}) \underset{2}{A}) \text{ ou } (\underset{2}{A} (\underset{1}{N} \underset{1}{A}))$$

<sup>2</sup> LEMLE, M. A ordem dos adjetivos no sintagma nominal em inglês e português: implicações para a teoria gramatical. Comunicação apresentada no III Encontro Nacional de Lingüística. Rio de Janeiro. FUC. 1978.

Vamos assumir aqui esta proposta de Lemle. Consideraremos que os SNs são construídos a partir de um processo recursivo que, a partir do N núcleo, vai ajuntando adjetivos em "camadas".

O fato de assumirmos esse processo de construção já nos fornece uma primeira resposta para a questão (A). Parece-nos óbvio que a maior ou menor proximidade do adjetivo ao N altera seu escopo: se o adjetivo é  $A_1$  seu escopo será o N, porém, se o adjetivo é  $A_2$  seu escopo será a expressão complexa  $(N A_1)$ . É perfeitamente razoável supor que a alteração do escopo altere o papel semântico do adjetivo. Tomemos um exemplo concreto.

(5) a. música popular brasileira.

b. música brasileira popular.

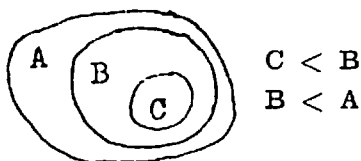
É fácil notar que o significado de (5)a e (5)b não é o mesmo. Em *a* destaca-se do conjunto das músicas populares a música popular brasileira; em *b* destaca-se do conjunto das músicas brasileiras a música brasileira popular. Coloquemos as expressões de (5) em um contexto mais amplo:

(5') a. Trata-se de música popular brasileira e não de música popular mexicana, espanhola, etc.

b. Trata-se de música brasileira popular e não de música brasileira clássica, religiosa, etc.

Podemos representar o processo, neste caso particular, com os seguintes diagramas de Venn:

(5'') a.

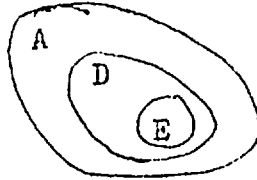


A = conjunto das músicas

B = conjunto das músicas populares

C = conjunto das músicas populares brasileiras

b.



$$E < D$$

$$D < A$$

A = conjunto das músicas

D = conjunto das músicas brasileiras

E = conjunto das músicas brasileiras populares<sup>3</sup>

Nem todos os adjetivos, no entanto, permitem uma representação conjuntista como as de (5''). Vejamos um caso.

#### (6) novos falsos picassos

Pela proposta de construção recursiva de Lemle, teremos 'falsos' predicando 'picassos' e 'novos' predicando 'falsos picassos'. Imaginemos que o nome 'picassos' estabeleça um conjunto — o conjunto dos quadros da autoria do pintor Picasso. É fácil notar que o adjetivo 'falsos' não vai delimitar um subconjunto no conjunto estabelecido pelo nome, uma vez que um 'falso picasso' se caracteriza justamente por não pertencer ao conjunto dos picassos. O que o adjetivo 'falsos' faz é substituir a extensão original do nome por outra extensão — abandona-se o conjunto dos quadros da autoria de Picasso em favor do conjunto dos quadros que *não são* da autoria de Picasso mas que foram, ou poderiam ter sido, tomados como de sua autoria. É sobre esse novo conjunto, então, que vai se aplicar o adjetivo 'novos', que vai estabelecer no conjunto dos falsos picassos o subconjunto dos novos falsos picassos, isto é, dos quadros cuja pertença ao conjunto dos falsos picassos é de estabelecimento recente. Invertamos os adjetivos de (6) para ver o que acontece.

#### (7) falsos novos picassos

Neste caso temos o adjetivo 'novos' predicando 'picassos' e delimitando um subconjunto no conjunto dos picassos — o subconjunto dos quadros que, por uma razão ou por outra, só em época recente foram considerados como pertencendo

<sup>3</sup> Não nos coloca nenhum problema o fato de o conjunto das músicas populares brasileiras ser co-extensional com o conjunto das músicas brasileiras populares. O que nos interessa é mais o processo pelo qual se chega a estes conjuntos do que o resultado obtido.

cendo ao conjunto dos picassos. O adjetivo 'falsos', por sua vez, vai predicar este subconjunto realizando uma de duas contestações: nega a "novidade" dos quadros ou nega a autoria dos quadros. Em outras palavras, quando se afirma de alguns quadros que eles são 'falsos novos picassos' ou se afirma que são picassos mas não são novos ou se afirma que são novos mas não são picassos.

Vários outros adjetivos apresentam comportamento semelhante ao de 'falso'. Por exemplo, 'mero' e 'suposto' em expressões como

- (8) a. mero estudante.
- b. suposto comunista.

Com o que expusemos até aqui, temos uma resposta à questão (A) colocada no início deste trabalho: a ordem relativa dos adjetivos, quer eles antecedam quer eles sigam o N, é significativa e isto se dá porque a ordem em que os adjetivos se encontram determina o escopo de sua predicação.

Como toda boa resposta, esta nos levanta uma série de outras questões para as quais não temos resposta.

O primeiro problema que nossa análise levanta é o da diferença entre a operação de predicação levada a efeito por adjetivos como 'brasileiro' ou 'popular' e a predicação exercida por 'falso' ou 'suposto'. Em que consiste essa diferença? Que adjetivos comportam-se como 'brasileiro'? É possível estabelecer "classes" de adjetivos de um modo natural? A diferença é sintática, semântica ou pragmática? Infelizmente, no momento não temos respostas para estas perguntas.

Outro problema que imediatamente nos acode é o das restrições na ordem de determinados adjetivos. Por exemplo:

- (9) a. físico nuclear brasileiro.
- b. \* físico brasileiro nuclear.
- (10) a. laranja baiana madura.
- b. \* laranja madura baiana.
- (11) a. engenheiro químico competente.
- b. \* engenheiro competente químico.
- (12) a. problemas econômicos difíceis.
- b. \* problemas difíceis econômicos.

Pode-se pensar, para resolver esses casos, em sub-classes de adjetivos: uma das sub-classes conteria os adjetivos que

não permitem a inversão (são sempre  $A_1$ ). Esta solução, embora viável de um ponto de vista técnico (foi muito usada nas análises gerativistas sob a forma de “marcações no léxico”), é claramente não-satisfatória já que, entre outras coisas, exige a delimitação de uma classe de adjetivos tão diferentes quanto ‘nuclear’, ‘baiana’ (mas não ‘brasileira’, cf. exemplo (5)), ‘químico’, ‘econômico’ etc.

Outra possibilidade de tratar esses casos está em considerá-los casos de “cristalizações” lexicais. O adjetivo ‘nuclear’, por exemplo, forma com o nome ‘físico’ um nome composto que é, de algum modo, estável, cristalizado. Isto explicaria os casos de ‘laranja baiana’ e de ‘engenheiro químico’, mas não seria uma boa explicação para o caso (12).

Uma terceira possibilidade de tratamento — melhor que as outras duas, diga-se de passagem — é a que atribui papéis diferentes aos adjetivos conforme sua posição. Exemplifiquemos com um caso.

Imaginemos um indivíduo de nome Fritz. Fritz nasceu na Alemanha mas desgostoso com sua pátria resolveu alistar-se na Legião Estrangeira da França. Fritz tornou-se um soldado francês. Podemos dizer

(13) Fritz é um soldado francês alemão.

Ora, à primeira vista (13) contém um paradoxo: nada pode ser alemão e francês ao mesmo tempo. Porém, o que notamos aí é que enquanto “ser alemão” é uma propriedade de Fritz, “ser francês” é uma propriedade do soldado. Fritz não é francês mas o soldado o é. Poderíamos dizer que Fritz é um soldado do “tipo” francês.

Voltando aos casos (9)-(12) podemos ver que algo semelhante está acontecendo: o adjetivo ‘nuclear’ determina um “tipo” de físico, o adjetivo ‘baiana’ determina um “tipo” de laranja assim como o adjetivo ‘econômico’ determina um “tipo” de problema. Note-se que os adjetivos de (13) também não podem ser invertidos, sob pena de terem os seus significados também invertidos.

No entanto, embora essa solução dos “adjetivos-tipo” possa parecer interessante, ela nos deixa com problemas sérios quando tentamos relacionar esses casos com os casos que vimos no início do trabalho. Os “adjetivos-tipo” não podem se constituir numa certa sub-classe porque adjetivos como ‘francês’, ‘alemão’, ‘baiana’, ‘econômico’ etc. ora são, ora não são “adjetivos-tipo”. Um tratamento em termos de sub-categorização implicaria na duplicação do número de adjetivos (um “adjetivo-tipo” e outro não) — resultado intolerável. Dizer, por outro lado, que um adjetivo é “tipo” em fun-

ção da posição que ocupa no SN não nos explicaria porque 'brasileira' em (5)b não é um "adjetivo-tipo" (se é, por que permite a inversão?). Em resumo, não sabemos como resolver este problema de modo satisfatório, embora tenhamos um certo número de indicações de que não se trata de um problema que pode ser resolvido no nível da sintaxe.

2. Passemos agora à questão (B), que diz respeito à anteposição/posposição dos adjetivos. Esta questão nos parece muito mais complexa do que a primeira, inclusive porque todos os problemas que as restrições de ordem colocam para a ordem relativa dos adjetivos reaparecem aqui.

Em primeiro lugar, é preciso dizer que, de modo geral, a tradição gramatical aceita o fato de que o adjetivo preposto e o adjetivo posposto têm (podem ter) significados diferentes. O adjetivo preposto tem *valor afetivo* e o posposto *valor objetivo* (Rodrigues Lapa). O adjetivo posposto deve ser entendido na *acepção própria* enquanto o preposto na *acepção translata* (Saïd Ali). Encontra-se, entretanto, em quase todos os gramáticos — e é essa a explicação que está na base das análises feitas pelos lingüistas contemporâneos — a afirmação de que os adjetivos prepostos são *explicativos* (atributos inerentes, ampliativos, adjetivos de realce) e os adjetivos pospostos são *restritivos* (atributos acidentais, diferenciadores, contrastadores). É esta distinção que encontramos em Carneiro Ribeiro, Eduardo Carlos Pereira, Back e Mattos, Pazini entre outros.<sup>4</sup>

Ocorre, no entanto, que esta proposta não se sustenta. Podemos mostrar isso citando alguns casos em que o adjetivo é claramente explicativo e está posposto e, por outro lado, alguns casos em que o adjetivo é restritivo e está anteposto. Começemos com casos de explicativos pospostos:

(14) Seus pés tiritavam, apesar das botas, ao contato com a *neve fria*.

(15) Morava num barracão fora da cidade, com um *filho único hemofílico*, uma *esposa neurótica*, uma *mãe ranzinza* e uma *sogra hipocondríaca*.

Parece claro nestes exemplos que podemos ter "atributos inerentes" ou adjetivos com valor contrastivo igual a zero pospostos. Vejamos então casos de restritivos antepostos.

(16) Você tinha que vir pelo *pior caminho*.

4 CARNEIRO RIBEIRO, E. *Serões gramaticais*. Salvador, 1890. PEREIRA, E.C. *Gramática expositiva*. São Paulo, Duprat, 1907. BACK, E. & MATTOS, G. *Gramática construtural da língua portuguesa*. São Paulo, FTD, 1972. PAZINI, M.C.B. *O adjetivo: um problema sintático*. Florianópolis, UFSC, 1978.

(17) Nós queríamos te dar uma *melhor atenção*.

(18) "...2. Navio de combate, de *alta velocidade, grande mobilidade*, tamanho moderado, *pequena autonomia*, proteção estrutural nula, e cujo armamento é constituído por torpedos, canhões de *pequeno ou médio calibre*, armas anti-submarino ou *pequenos mísseis*."<sup>5</sup>

Estes exemplos, além do adjetivo 'novo' que vimos no exemplo (5), nos deixam impossibilitados de assumir a solução *explicativo/restritivo* para a anteposição ou posposição dos adjetivos.

Outra proposta de tratamento desta questão encontramos em Azevedo<sup>6</sup> e consiste no seguinte:

a) É preciso distinguir o valor semântico da *posição* ocupada pelo adjetivo do valor que decorre do *nexo semântico* existente entre o adjetivo e o N. Assim, por exemplo, *restritivo* e *explicativo*, sendo modos diversos de *nexo semântico*, não se relacionam diretamente com *preposição* e *posposição*;

b) a *posição* dos adjetivos — assim como a *posição* de todos os elementos de um enunciado — se relacionam com o *valor informativo* de cada adjetivo no SN.<sup>7</sup>

A argumentação de Azevedo supõe que haja um *nexo semântico* entre o adjetivo e o N que predica e que quanto maior for esse *nexo* menor será a carga informacional do adjetivo. Por exemplo, o *nexo semântico* entre o N 'neve' e o adjetivo 'fria' encontra-se próximo do ponto de *vinculação* máxima (isto é, na percepção que o falante tem dos atributos do referente de 'neve', o atributo 'fria' está sempre presente) enquanto o *nexo semântico* entre 'neve' e 'amarela' encontra-se próximo do ponto de *vinculação* mínima (ou seja, o atributo 'amarela' não é um atributo que normalmente se perceba no referente de 'neve').

Admitindo agora que os elementos de um enunciado são ordenados a partir de seu *valor informativo* (primeiro os que informam menos, depois os que informam mais), e admitindo que o *valor informativo* de um adjetivo é determinado

<sup>5</sup> Os exemplos (14) - (18) foram emprestados de AZEVEDO, M.M. Sobre a posição do adjetivo no sintagma nominal em português. (Inédito, polycopiado), que os usa para os mesmos fins. O exemplo (18), em particular, é parte do verbete *Contra-torpedeiro* do Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

<sup>6</sup> AZEVEDO, Sobre a posição...

<sup>7</sup> Azevedo se baseia principalmente em BOLINGER, D. Linear modification. *Publications of the Modern Language Association*, 52:1117-44, 1952 e *Adjective position again*. *Hispania*, 1972, e em FIRBAS, J. From comparative word-order studies. *Brno Studies in English*, 4, 1964 e *On defining the theme in functional sentence analysis*. *Travaux Linguistique de Prague*, 1:267-80, 1966.



pelo nexos que mantém com o N, Azevedo pode afirmar que serão antepostos os adjetivos que, devido ao estreito nexos semântico com o N, comunicam menos do que este e que serão pospostos os adjetivos que comunicarem mais do que o N, devido à baixa vinculação do nexos semântico ou “se por alguma razão o falante emprestar ao adjetivo um valor comunicativo maior do que o do substantivo — por realce, contraste, ou qualquer outra razão”.<sup>8</sup>

Apesar da rápida apresentação, creio que é fácil de perceber que a proposta de Azevedo é muito mais interessante do que a proposta anterior — inclusive porque lança luzes à questão tratada na primeira parte deste trabalho. Ocorre, no entanto, que também esta proposta se defronta com dificuldades.

Em primeiro lugar, parece muito arriscado afirmar que um adjetivo posposto informa mais do que um adjetivo anteposto.

(19) a. grande homem.

b. homem grande.

Em que sentido se pode afirmar que o adjetivo de (19)b informa mais (tem carga informativa maior) que o adjetivo de (19)a? O que está em questão não é um informar mais ou menos do que o outro, é informar outra coisa. E o mesmo vai se dar com ‘novo’, ‘pobre’ etc.

A proposta de Azevedo não consegue dar conta também de casos como os de (20)-(22).

(20) falso revólver.

(21) suposto comunista.

(22) mero estudante.

Note-se que em (20) o adjetivo ‘falso’ informa tanto que altera a categoria delimitada pelo N: um falso revólver é um não-revólver. O mesmo acontece com o adjetivo ‘suposto’, em (21). Já em (22), o adjetivo ‘mero’ apresenta um papel pragmático interessante: o fato de alguém dizer ‘mero estudante’ significa que esse alguém tem os estudantes em baixa consideração (em geral ou em relação a determinado contexto ou tarefa). Assim, o adjetivo ‘mero’ tem sua carga informativa determinada não pelo nexos que mantém com o N mas pelo nexos que o N mantém com o falante (poderíamos falar de

8 AZEVEDO, Sobre a posição...

*nexo pragmático?*). É preciso destacar ainda que enquanto o adjetivo 'falso' pode aparecer anteposto e posposto, os adjetivos 'suposto' e 'mero' não podem. Para explicar isso tudo talvez tenhamos que abandonar um enfoque puramente semântico, como é o de Azevedo, e partirmos para uma explicação que envolva também o nível pragmático.

3. Acreditamos que a partir do exposto fica clara a motivação que nos levou a dizer que a literatura linguística não apresenta respostas satisfatórias às questões que envolvem a posição dos adjetivos. Talvez a razão da inexistência de tais respostas esteja na busca do *fator único* que determina a posição — talvez haja vários fatores co-ocorrendo, e mesmo concorrendo, nesta determinação. A posição dos adjetivos pode ser determinada ora por características próprias dos adjetivos (idiossincrasias), ora por características do *nexo semântico*, ora por razões de discurso etc. Eventualmente todos os fatores podem estar agindo; eventualmente a ação de um fator pode dispensar a ação de outro ou dos outros. Talvez — e estamos ainda no nível da pura especulação — todas as análises que discutimos acima sejam parcialmente adequadas, mas por considerarem sua visão parcial do problema como a única visão adequada esbarram constantemente em contra-exemplos.

É preciso ficar claro que não nos interessa propor aqui uma posição eclética (anárquica) em relação ao problema. Achamos que há uma solução, mas achamos também que ela só vai ser encontrada numa proposta que integre sintaxe, semântica e pragmática.

#### SUMMARY

This paper raises some of the problems involved in the determination of the adjective position rules in Noun Phrases. The conclusion of the paper is that the solution of these problems is not founded in an unique component of the grammar, but it will be necessary to use syntactic, semantic and pragmatic information.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 AZEVEDO, M.M. Sobre a posição do adjetivo no sintagma nominal em português. Inédito. Policopiado.
- 2 BACK, E. & MATTOS, G. Gramática construtural da língua portuguesa. São Paulo, FTD, 1972. v.1.
- 3 BOLINGER, D. Adjective position again. *Hispania*, 1972.

- 4 ————. Linear modification. *Publications of the Modern Language Association*, 52: 117-44, 1952.
- 5 BORGES NETO, J. O adjetivo: um problema sintático; resenha crítica. *Estudos Brasileiros*, 5(9):27-36, 1980.
- 6 ————. *Adjetivos: predicados extensionais e predicados Intensionais*. Campinas, 1979. Dissertação, Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- 7 CARNEIRO RIBEIRO, E. *Serões grammaticaes*. Salvador, 1890.
- 8 FERREIRA, A.B.H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- 9 FIRBAS, J. From comparative word-order studies. *Brno Studies in English*, v.4, 1964.
- 10 ————. On defining the theme in functional sentence analysis. *Travaux Linguistiques de Prague*, 1:267-80, 1966.
- 11 LEMLE, M. A ordem dos adjetivos no sintagma nominal em inglês e português. Comunicação apresentada no III Encontro Nacional de Linguística, Rio de Janeiro, PUC, 1978.
- 12 PAZINI, M.C.B. *O adjetivo: um problema sintático*. Florianópolis, UFSC, 1978.
- 13 PEREIRA, E. C. *Grammatica expositiva*. São Paulo, Duprat, 1907.